

Crianças são as maiores vítimas dos bandoleiros

por Gil Lauriciano, da AIM

18/11/86

A agressão sul-africana ao nosso País, através dos bandidos armados infiltrados a partir do território malawiano, já causou centenas de mortes de crianças na província da Zambézia.

Metade dos cerca de um milhão e meio de pessoas que vivem as desgraças da guerra terrorista naquela província é constituída por crianças com idade variável entre 0 e 15 anos.

Pessoas que conseguiram fugir, após períodos de cativeiro em acampamentos dos bandidos, relataram casos de mortes diárias de crianças, devido a fome e doenças.

Arinaquina Munatchari, de 38 anos de idade, foi raptada pelos bandidos armados, na sua aldeia em Viriua, juntamente com seus quatro filhos. Após seis meses de cativeiro, conseguiu fugir com apenas dois dos seus filhos. «Um morreu lá na base e o outro, o mais velho, que tinha 11 anos, desapareceu dias depois de termos chegado à base. Eles diziam-me sempre que «o seu filho foi estudar» — contou ela.

O desaparecimento posterior de crianças raptadas juntamente com os pais, em bases dos bandidos, já aconteceu em Inhambane e Maputo.

Menores de 10 a 12 anos foram encaminhados para campos de treino militar para aprenderem a matar, destruir e saquear. Cidadãos regressados

do Malawi falam de casos de «desaparecimento» de crianças com esta idade nos campos de deslocados moçambicanos.

Um outro cidadão, de nome António Nimuelane, que conseguiu fugir da base de lalena, na localidade de Chapala, em Alto-Molôcué, contou também à AIM ter visto muitas crianças a morrerem na base, vítimas de mactekenha, malária, diarreia e sarampo.

«Lá não dão comida nem medicamentos. Muitas vezes as crianças comem raízes de plantas venenosas, depois começam com vômitos e por fim morrem. Ninguém é autorizado a sair da base, nem para procurar remédio» — disse.

As escolas, maternidades, aldeias, são alvos priorizados dos bandidos armados nas suas acções. Em muitos casos, estes atacam escolas, igrejas, hospitais, com crianças dentro.

No ataque do dia 19 de Julho passado, contra a vila da Maganja da Costa, o primeiro alvo do fogo dos bandoleiros foi um lar estudantil, onde se encontravam cerca de 150 crianças. Quinze ficaram feridas.

Outras centenas de crianças podem ser encontradas nos centros de rein-

tegração dos deslocados de guerra, espalhados em diversos distritos da província. A maioria delas desconhece o paradeiro dos pais e familiares.

Gonçalves Manuel, de 12 anos de idade, está com outras 10 crianças num centro provisório de acomodação na sede do distrito de Pebane. Ele, mais as outras crianças, foram raptados em Julho, quando os bandidos foram atacar Gilé, a nordeste da província.

Ele diz ter deixado os seus pais e irmãos mais novos com os bandidos. «Eu tive sorte» — disse ainda — «um dia eles mandaram-nos ir à procura de lenha, eu mais outros quatro, de lá fugimos».

No início do ano lectivo, o distrito do Ile, no norte da província, tinha 105 escolas primárias com 23 740 alunos. «Por causa da situação só ficamos com 46 escolas primárias e o número de alunos baixou para 16 470» — afirmou o Director Distrital da Educação.

É relevante o papel que as crianças desempenham no combate contra os bandidos armados na província da Zambézia.

O comandante das Forças locais da

localidade de Namanda, distrito do Ile, Constantino Semente, contou ter sido uma criança de 8 anos que no dia 11 de Outubro tocou o alerta, quando um grupo de bandidos dirigido pelo antigo régulo da zona, se preparava para levar a cabo um ataque contra a sede da localidade. As Forças Armadas emboscaram os bandidos, matando nove criminosos.

As nossas crianças são os maiores vigilantes com que contamos. Muitas vezes são elas as primeiras a detectar movimentos estranhos e informar as Forças Armadas. Nas nossas patrulhas, normalmente aparecem crianças a darem informações sobre movimentos suspeitos, assim como nos rios, são os continuadores que nos ajudam com as canoas» — disse o comandante Semente.

A organização «Continuadores da Revolução Moçambicana» e a Organização da Mulher Moçambicana (OMM) desempenham papel importante no enquadramento e apoio às crianças atingidas pelos efeitos da guerra.

A «Continuadores» tem hoje, nas diversas zonas afectadas pela guerra cerca de 40 núcleos, envolvendo 4 000 crianças, algumas das quais vivendo com mães adoptivas.